

## EDUCAÇÃO AMBIENTAL COMO ABORDAGEM NA EXTENSÃO RURAL EM UM ASSENTAMENTO DA REFORMA AGRÁRIA

DANIELLE FARIAS DA SILVEIRA<sup>1</sup>; GREICI BEHLING MAIA<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas – danisilveiraf@gmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas – biogre@gmsil.com

### 1. INTRODUÇÃO

O acesso a terra sempre foi uma das grandes reivindicações dos agricultores familiares de todo o país. Uma distribuição justa por terra para a agricultura é vista por muitos estudiosos como meio de promoção de um desenvolvimento sócio e econômico sustentável e vantajoso aos territórios (TARTARUGA, 2008).

Sabe-se que o Brasil, após a Revolução Verde<sup>1</sup>, sofreu um rápido esvaziamento de suas zonas rurais, em um dos maiores fenômenos de êxodo rural já visto em todo o planeta (BRANDÃO, 2007). Esta massa de pessoas que se viram impelidas a migrarem de suas terras, seja por questões climáticas ou pressão por parte dos latifúndios de seu entorno, fez crescer enormemente a população nas urbes, ocupando áreas periféricas das cidades, levando a um crescimento desordenado e insustentável da maioria das metrópoles brasileiras.

Neste contexto de êxodo rural e falta de oportunidades nas cidades, se encontram estes indivíduos, alijados de seu modo de viver, e que buscaram - lutar pelo acesso à terra na representatividade de movimentos sociais como o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) e Via Campesina. Em resposta à mobilização de tais movimentos, o governo federal promoveu, nos anos 90, o maior processo de reforma agrária que o Brasil já havia realizado (OLIVEIRA, 2001). Neste contexto, o governo adquiriu terras de propriedades improdutivas e/ou possuidoras de dívidas com a união, remunerando os proprietários por suas perdas e realizando assim um processo de redistribuição de terras.

Dentro desta realidade, cada assentamento buscou adaptar-se ao meio que dispunha e desempenhar suas atividades produtivas, seja pela formação de cooperativas, formatação de vilas de produção coletiva ou nas situações em que cada propriedade decidiu caminhar por meios próprios. É neste contexto que os assentamentos de reforma agrária brasileiros foram construídos, na promessa de distribuir terras e no sonho de dela viver, em contraponto a uma realidade bastante dura encontrada em muitos destes locais.

A discussão que se segue está relacionada com a construção de um projeto de extensão em EA que atente para as complexidades da realidade das famílias agricultoras do Assentamento Novo Arroio Grande, localizado no município de Arroio Grande, estado do Rio Grande do Sul. A discussão sobre EA perpassa pela necessidade de conhecermos o contexto histórico deste assentamento, possibilitando incorporá-lo à análise da realidade do grupo participante neste trabalho.

Assim, este relato de experiência se propõe a compreender, a partir da análise do diagnóstico ambiental pré-existente, aliado às entrevistas e interações realizadas, como se dão as relações dos moradores do assentamento com o meio ambiente e com as instituições públicas, buscando desenvolver uma ação de educação ambiental (EA) que promova a cidadania e a sustentabilidade das propriedades, sob um enfoque agroecológico.

---

<sup>1</sup> Revolução Verde foi um processo que aconteceu entre as décadas de 60 e 70, baseado no uso intensivo de agrotóxicos e fertilizantes sintéticos, fortemente subsidiado por políticas públicas, que configurou a modernização tecnológica socialmente conservadora. (ANDRADES, 2007)

## 2. METODOLOGIA

A investigação aqui apresentada configura uma pesquisa de campo, que se realiza no ambiente dos sujeitos, e que se viabilizará pelo contato com o ambiente e as situações estudadas. Após a visita foram realizadas anotações em caderneta de campo sobre as impressões colhidas durante esta visitação.

A realização de uma pesquisa-ação foi definida como norteadora para este projeto. A fim de uma melhor percepção da realidade das famílias, foi definida a aplicação de entrevistas semiestruturadas. Foi realizada uma revisão bibliográfica que contemplasse os temas de desenvolvimento rural, EA e agroecologia.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao analisar a realidade ambiental e social do Assentamento Novo Arroio Grande identificou-se alguns enfrentamentos. Em um primeiro momento surge a questão da necessidade de diversificação da produção, que hoje em dia depende quase que exclusivamente da pecuária de leite, marcada pela baixa qualidade deste produto - decorrente da falta de práticas adequadas na ordenha, além da baixa qualidade das pastagens, podendo ainda ser apontada a contaminação das fontes de água. São pontos importantes questões ambientais como da contaminação das nascentes de água, supressão de matas nativas e ciliares e destinação dos resíduos sólidos. Além destas questões, existe na região ainda a caça de animais silvestres como atividade rotineira e culturalmente aceita entre as famílias. Não menos importante, há que se ponderar as questões sociais, como o endividamento das famílias e a sucessão familiar. No Quadro 1 são apresentadas as sugestões do diagnóstico ambiental e propostas implantadas.

**Quadro 1:** Propostas diagnóstico e itens atendidos

Unidade	Diagnóstico	Proposta	Ação
Família 1	<ul style="list-style-type: none"> <li>Contaminação poço artesiano;</li> <li>Contaminação fontes de dessedentação animal;</li> <li>Suínos em má condições sanitárias;</li> <li>Efluentes dos animais contaminando curso d'água;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Limpeza, proteção</li> <li>Recuperar vegetação, bebedouros</li> <li>Manejo agroecológico, limpeza das pocilgas</li> <li>Esterqueira</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Não</li> <li>Não</li> <li>Não</li> <li>Não</li> </ul>
Família 2	<ul style="list-style-type: none"> <li>Contaminação fontes de dessedentação animal;</li> <li>Fossa séptica transbordando;</li> <li>Efluente pia da cozinha;</li> <li>Curral próximo à residência;</li> <li>Animais em nascente;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Recuperar vegetação, bebedouros</li> <li>Substituir por maior</li> <li>Jardim filtrante</li> <li>Local afastado/solo seco</li> <li>Proteção física</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Não</li> <li>Sim</li> <li>Não</li> <li>Não</li> <li>Não</li> </ul>
Família 3	<ul style="list-style-type: none"> <li>Contaminação poço artesiano</li> <li>Contaminação fontes de dessedentação animal;</li> <li>Despejo efluente pia da cozinha e banheiro;</li> <li>Árvores frutíferas não crescem;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Limpeza, vedação</li> <li>Recuperar vegetação, bebedouros</li> <li>Jardim filtrante/fossa séptica</li> <li>Incrementar matéria orgânica</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Sim</li> <li>Parcial</li> <li>Não</li> <li>Sim</li> </ul>

Família 4	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Contaminação fontes de dessedentação animal;</li> <li>• Efluente lavatório e chuveiro;</li> <li>• Fungos <i>Ramaria</i> e <i>Amanita muscaria</i> na área de <i>eucalyptus</i>;</li> <li>• Árvores frutíferas não crescem;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Troca local pocilga, usar poço</li> <li>• Jardim filtrante</li> <li>• Impedir acesso dos animais</li> <li>• Incrementar matéria orgânica</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sim</li> <li>• Sim</li> <li>• Não</li> <li>• Sim</li> </ul>
Família 5	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Contaminação poço artesiano;</li> <li>• Resíduos sólidos queimados;</li> <li>• Contaminação fontes de dessedentação animal;</li> <li>• Efluente pia da cozinha e lavadora de roupas;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Nova fonte de água</li> <li>• Reciclar/compostagem</li> <li>• Proteção, bebedouros</li> <li>• Jardim filtrante</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sim</li> <li>• Parcial</li> <li>• Não</li> <li>• Não</li> </ul>

Fonte: Adaptado Diagnóstico Ambiental NEPEL, 2017.

Considerando todas as informações coletadas durante o trabalho de campo e pela análise dos questionários aplicados, foi proposta uma atividade a ser realizada no momento da festa em comemoração ao aniversário da escola, oportunidade em que todas as famílias do assentamento puderam congrega e participar. Na ocasião, foi montado um estande, no qual, de maneira demonstrativa, sugeriu-se a construção de uma composteira doméstica.

A oportunidade da festa se mostrou de importante valia para a divulgação de algumas práticas que fazem parte dos sistemas agroecológicos. Esta experiência permitiu maior interação, com aquelas famílias que participam do trabalho, mas também por meio desta ação foi possível acessar as demais famílias do assentamento que se mostraram interessadas pelo que estava naquele momento sendo proposto.

A pesquisa-ação foi realizada dentro das limitações do trabalho, tendo em vista as dificuldades impostas pela distância física entre o assentamento e o município de Pelotas e o tempo disponível para realização. Igualmente, o baixo interesse e disponibilidade dos agricultores teve peso decisivo na definição das atividades a serem realizadas. A construção do trabalho se mostrou um tanto complexa, não só pelos fatos já relatados, mas também pela necessidade de formação dos pesquisadores para atuação com a EA em espaços não-formais, como aquele encontrado na realidade de um assentamento da reforma agrária (ARAÚJO, 2017).

Ao retomar o processo de como se deu a construção deste projeto, cujo objetivo era de realizar uma pesquisa-ação em EA, percebe-se a importância de conhecer o contexto vivido pelos sujeitos. O que foi oportunizado ao longo do percurso quando se buscou vivenciar, conhecer, interagir, e mais importante, aprender com as famílias, dentro de suas propriedades, ampliando a compreensão da realidade vivida por aquela comunidade. Ao procurar conhecer a visão que os professores da escola da comunidade tinham sobre os sujeitos, tornando possível interpretar melhor a complexidade existente naquele espaço. Por fim, no diálogo com as instituições que atendem aquela comunidade, enriqueceu a percepção sobre como se dão as relações entre estas instituições e os agricultores daquela comunidade. Foi pela reflexão do conjunto destas percepções sobre o contexto vivenciado por aquela comunidade que foi possível a construção do trabalho de EA aqui apresentado.

#### 4. CONCLUSÕES

Ao refletir sobre a abordagem agroecológica como modelo produtivo e modo de vida para essas famílias, se percebeu a distância existente entre a proposta e os reais interesses daquelas famílias. A reflexão colhida desta experiência levou a compreensão da necessidade de que parta do agricultor a aspiração em lançar-se aos desafios impostos pelas práticas agroecológicas. Ao educador/extensionista compete construir junto às famílias este saber.

Uma observação importante que se deu ao longo deste trabalho é da aproximação das bases metodológicas existentes entre a EA, a agroecologia e as práticas de extensão. Temos em todas elas a necessidade de se colocar na perspectiva de ouvinte, daquela pessoa que intermediará sem interferir, no papel de promotor na construção do conhecimento e valorizando os saberes dos atores envolvidos. Conhecer e compreender a realidade do grupo e de seu entorno mostram-se como atitude esperadas dentro dessas práticas.

A EA e sua *práxis* se mostrou bastante desafiadora dado o espaço não-formal encontrado no assentamento, tendo a atuação limitada por diversas questões como distância, tempo e disponibilidade por parte dos agricultores. Diante destas limitações, é essencial discutir o papel dos trabalhos de extensão das instituições de ensino superior, sua capacidade de inserção e atuação, em se tratando de tema tão complexo quanto o das questões ambientais que podem estar envolvidas dentro do mundo rural e de um assentamento da Reforma Agrária.

Ao longo do processo de construção desta ação se percebeu que nem sempre aquilo que é proposto, mesmo depois de se ouvirem todos os participantes, atingirá os resultados esperados, e que mesmo estas frustrações, fazem parte do processo de aprendizado e de desenvolvimento de um educador mais consciente e aberto a perceber seu espaço de atuação.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADES, Thiago Oliveira de; GAMINI, Rosângela Nasser. Revolução verde e a apropriação capitalista. **CES Revista**, Juiz de Fora/RJ, v.21, 2007, p.43-56. Disponível em: <http://twixar.me/RsWn>. Acesso em: 23 de outubro de 2018.

ARAÚJO, Eduardo Ferraz. Percepção ambiental em dois assentamentos rurais na região de Americana, SP/ Eduardo Ferraz Araújo. **Dissertação** (Mestrado) - - USP / Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz". Centro de Energia Nuclear na Agricultura, 2017. - Piracicaba, 2017, 64 p. Disponível: <http://twixar.me/hMWn>. Acesso em: 30 de novembro de 2018.

BRANDÃO, Carlos. Território e mudanças no 'Padrão de Sociabilidade' no Brasil. **Território, políticas públicas e estratégias de desenvolvimento. Campinas: Alínea**, p. 17-40, 2007.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. A longa marcha do campesinato brasileiro: movimentos sociais, conflitos e Reforma Agrária. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 15, n. 43, p. 185-206, dez/2001. Disponível em: <http://twixar.me/vWZn>. Acesso em: 20 de outubro de 2018.

TARTARUGA, Ivan GP. Território e participação: apontamentos para o desenvolvimento territorial rural no Brasil. **A Emergência da Multiterritorialidade – a ressignificação da relação do humano com o espaço. Porto Alegre: Ed. da UFRGS**, 2008, p. 145-159.